

## A TÉCNICA CLOZE NA AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA EM PORTUGUÊS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

CINTHIA DE PAULA MARQUES<sup>1</sup>, JUCEMÁRIA SILVA DE ALMEIDA<sup>1</sup>, KÁTIA CRISTINA NASCIMENTO<sup>1</sup>, NILCE MEIRE ALVES RODOVALHO<sup>1</sup>, WYGNY ARAÚJO MACEDO<sup>1</sup>, ADRIANA SANTOS PRADO SADOYAMA<sup>1,2,4</sup>, GERALDO SADOYAMA LEAL<sup>1,3,4</sup>

1. PIBID-Interdisciplinar da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás  
cynthiamarquess@hotmail.com
2. Departamento de Educação da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás.
3. Departamento de Ciências Biológicas da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás
4. Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional, Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás

Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

### RESUMO

Este estudo visou analisar a compreensão leitora dos alunos do ensino fundamental, por meio da análise dos níveis de leitura (independente, instrucional e frustração). Foi utilizado como instrumento de análise, o teste Cloze que foi aplicado com alunos do 6º ano fundamental de uma escola pública. Os resultados apontaram que a maioria dos alunos ainda não possui a compreensão leitora necessária ao seu nível de escolaridade, tendo visto que um percentual muito baixo atingiu o nível instrucional, nenhum aluno atingiu o nível independente. E que a maioria enquadrou-se no nível de frustração, demonstrando a dificuldade de interpretar as informações lidas. Esses resultados demonstram a dificuldade de leitura que acarreta na incompreensão dos conteúdos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teste de Cloze, Níveis de Leitura, Desenvolvimento escolar.

### TECHNICAL EVALUATION IN UNDERSTANDING CLOZE READER IN PORTUGUESE STUDENTS OF ELEMENTARY EDUCATION II

#### ABSTRACT

This study aimed to analyze the reading comprehension of middle school students, through the analysis of reading levels (independent, instructional and frustration). Was used as an analytical tool, the Cloze test was applied with students of the 6th year of a public elementary school. The results showed that most students still lack the reading comprehension necessary to their level of schooling-ability, having seen that a very low percentage reached the instructional level, no student achieved the independent level. And that most framed in the level of frustration, demonstrating the difficulty of interpreting the information read. These results demonstrate the difficulty of-reading it brings the misunderstanding of contents

**KEYWORDS:** Cloze Test, Reading levels, School development.

## INTRODUÇÃO

Dentre os fatores responsáveis por alavancar o ensino no Brasil, dá-se à leitura um papel primordial, uma vez que ela é capaz de desenvolver a capacidade reflexiva e crítica dos alunos. Apesar de sua real importância nota-se que ao longo dos anos os alunos estão compreendendo cada dia menos o que leem. Demonstrando um nível de leitura voltado mais para a decodificação dos signos linguísticos, e não para a sua real interpretação. Ou seja, eles ainda não possuem a compreensão leitora necessária para atingir um nível de independência satisfatório.

Nessa premissa pode-se destacar que o aluno se porta como um leitor e não como um leitor. De acordo com PERROTTI (1999) entre um e outro existe uma grande distância, o leitor prefigura aquele ser passivo, imobilizado, que pouco ou nada acrescenta ao ato de ler. O texto para o leitor não tem aberturas, porque ele decifra mecanicamente os seus sinais. A leitura é definitiva. O leitor, no entanto, é móvel e tem um olhar definido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em suas linhas e entrelinhas. Todas essas variáveis corroboram para o baixo nível de desenvolvimento escolar quer seja na área da língua portuguesa quer seja nas demais disciplinas. Várias pesquisas na área da leitura mostram que a maioria dos alunos do ensino fundamental chegam ao ensino médio, com um nível de leitura bem aquém do esperado, contribuindo ainda mais para o fracasso escolar.

Nas palavras de CATITU TAYASSU (2011) “ a leitura dá condição de inclusão social, em outras palavras, condição de inclusão cultural. Posto isto percebemos que ao tratarmos de leitura não nos referimos ao âmbito escolar, mas também ao social, portanto são práticas indissociáveis. Isto porque as práticas sociais de leitura não estão veiculados apenas as ações ou instituições escolares ou aos seus processos pedagógicos, mas também aos diversos contextos do mundo social e cultural bem como nas esferas privada ou individual. Entre o indivíduo alfabetizado e letrado uma linha tênue os liga e esta ligação pode ser rompida quando este leitor não compreende o texto.

Segundo BORTONI-RICARDO (2010)“ o caráter sintetizador da leitura e a importância do conhecimento interdisciplinar de mundo a que o leitor precisa recorrer para compreender efetivamente o que lê explicam os baixos escores que os nossos alunos obtêm nos sistemas nacionais e estaduais de avaliação.” A falta de conhecimento, não da língua materna em si, mas de todos os componentes que o currículo exige não desenvolveu habilidades leitoras para compreensão e aquisição de informações.

Portanto o presente artigo visa discutir os níveis de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino fundamental, por meio dos resultados do teste Cloze aplicado no referido ano, assim como esses níveis afetam o desenvolvimento das práticas pedagógicas da leitura.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de um estudo de corte transversal, com amostra de conveniência. Foram incluídos neste estudo 79 discentes do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal. Foi utilizado como aporte para medição da compreensão leitora e conseqüentemente dos níveis de leitura. O teste Cloze com o texto “O Beijo”. Para avaliar a percepção leitora dos alunos em Português, vamos utilizar o teste de Cloze. A técnica Cloze foi criada por Taylor em 1953 como recurso avaliativo e de intervenção que possibilita identificar a capacidade do leitor de integrar a informação escrita que recebe e o conhecimento que ele já tem na língua (JOLY, p.122).

O teste consiste, em sua forma original, em eliminar palavras de um texto escrito, no caso o quinto vocábulo, e deixar lacunas para que sejam preenchidas pela pessoa que o teste será aplicado. No caso da nossa pesquisa, optamos pela palavra no sentido literal, ou seja, os alunos deverão preencher de acordo com os vocábulos originais do texto de Português utilizado.

Assim, quanto mais lacunas, maior a dificuldade. No texto de Português aplicado, tem um total de 49 lacunas a serem preenchidas. No Cloze há uma classificação de acordo com a compreensão dos sujeitos por níveis, que são: o nível de frustração (com percentual de compreensão até 44%), nível instrucional (entre 45% e 57%) e nível independente (acima de 57%) (JOLY, p.124).

A análise estatística foi realizada de modo descritivo (frequência absoluta e relativa, média, desvio padrão) e inferencial foi realizada pela análise de variância com teste Post hoc de Tukey, com nível de significância para  $p < 0,05$ . Foi verificada a correlação das respostas dos alunos, através do coeficiente de correlação de Pearson. As análises foram realizadas utilizando-se o software SPSS for Windows, versão 20.0.

## RESULTADOS

Para a obtenção dos resultados foi usada a técnica Cloze. A técnica Cloze foi criada por TAYLOR (1953) e, em sua versão original, consiste na omissão sistemática de todo o quinto vocábulo de um texto de aproximadamente 250 palavras. No local da omitida, dispõe-se um traço de tamanho proporcional ao da palavra omitida. A correção das respostas foi de forma literal, ou seja, foi considerado acerto o preenchimento exato da palavra omitida.

BORMUTH (1968) avança três níveis para a aclarar os acertos obtidos no Cloze. O primeiro refere-se a 44% de acertos e é denominado de nível de frustração que equivale a não compreensão da informação lida. O segundo refere-se a uma pontuação que tem variância entre 44,1% a 57% nomeado de nível instrucional que equivale a uma compreensão apenas suficiente necessitando da intervenção do professor. O terceiro e último refere-se a uma pontuação de 57% nomeado de nível independente que equivale a uma compreensão crítica, criativa e autônoma do texto.

Participantes:

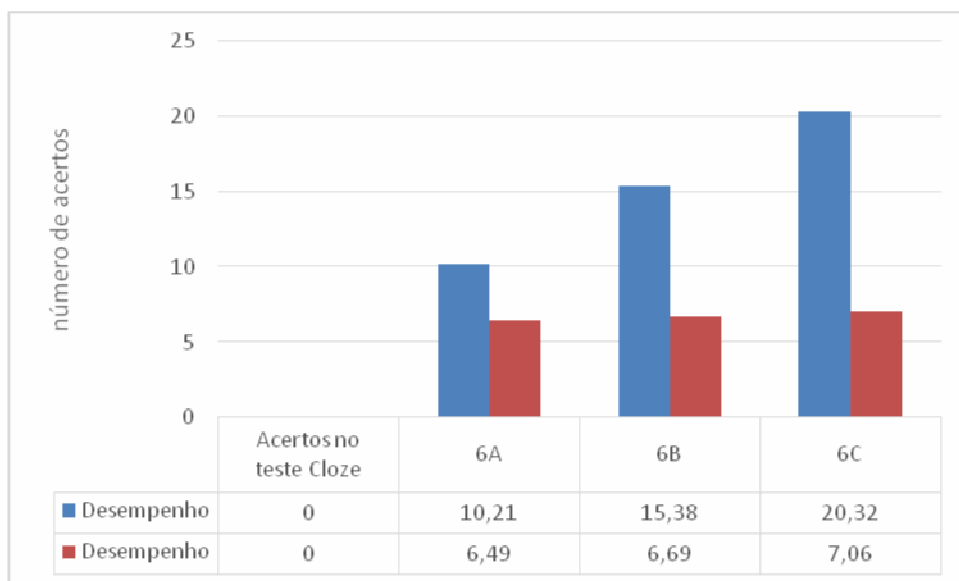
Participaram 79 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II de uma escola Municipal. Todos os procedimentos éticos estão em conformidade. Para tanto, os alunos foram informados do objetivo do estudo, e a participação ficou condicionada à assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dos pais. A aplicação ocorreu de forma coletiva em um horário de aula cedido pelo professor regente da turma e teve duração aproximada de trinta minutos. Os alunos foram orientados a lerem todo o texto, apesar das lacunas presentes e, em seguida voltaram ao início do texto para iniciar o preenchimento.

## DISCUSSÕES

Os dados foram organizados em planilhas e submetidos à estatística descritiva, atendendo ao objetivo proposto. Para interpretar os escores obtidos com o teste Cloze utilizamos a média e o desvio-padrão da pontuação obtidos pelo grupo de alunos avaliados.

No gráfico 01 a média aritmética de pontos no Cloze variou de 10,21 a 20,32 com desvio padrão de 6,40 a 7,06. Este resultado aponta que quanto maior o desvio padrão maior a dispersão dos acertos apontando como resultado a variação da compreensão leitora do texto dentro dos alunos pesquisados. Isto equivale dizer que na turma 6º B um grupo de

alunos atingiu a pontuação máxima de acertos bem como, do 6º C zerou o teste. Por outro lado, a turma 6º A demonstrou pouca dispersão nos acertos do teste Cloze.

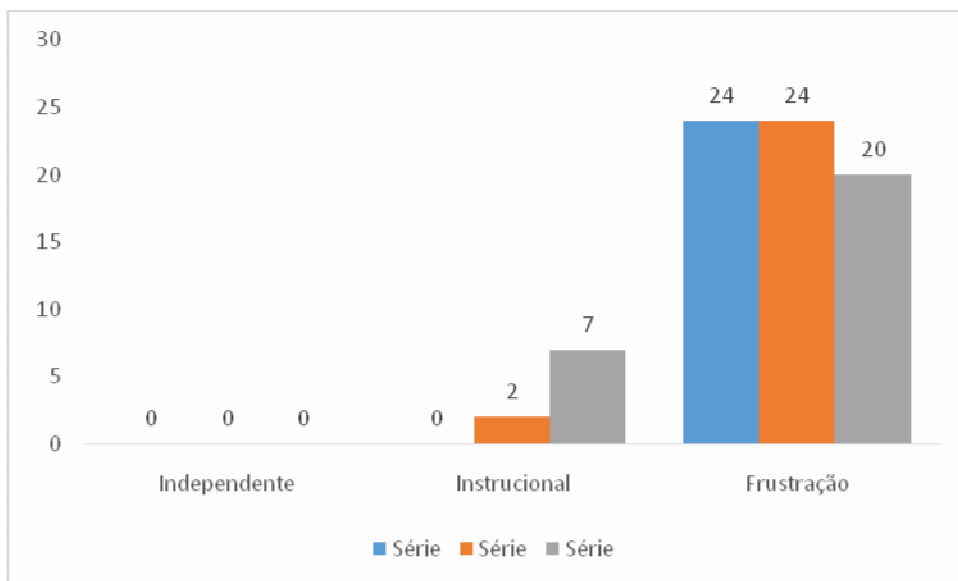


**GRÁFICO 1.** Número de acertos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental na disciplina de português

Ao analisar os resultados do gráfico 02 e considerou-se o critério de BORMUTH (1968), é possível concluir que os alunos demonstraram uma compreensão classificada no nível frustração. Este resultado é lamentável pois os alunos avaliados ingressarão no próximo ano onde o nível de exigência é maior nos conteúdos específicos da Língua portuguesa. Enuncia-se que o aluno do ensino Fundamental II deveria ter a habilidade de compreender de forma crítica e reflexiva advinda das séries anteriores. No entanto os resultados do teste Cloze apontam que os alunos apresentam sérias dificuldades de leitura e compreensão textual.

Alguns autores apontam que compreensão em leitura depende de o leitor conseguir assimilar o sentido do texto de forma crítica e reflexiva. Posto isto aquele que compreende o texto, é capaz de realizar vaticinação e fazer inferências. Se a formação de leitores deve ser o foco de toda a educação básica os dados apontam que este objetivo não tem sido alcançado. Os dados obtidos neste estudo merecem atenção, pois, muitas deficiências em leitura e na sua compreensão podem ainda ser sanadas pelos professores na busca por práticas pedagógicas na formação do leitor proficiente.

Este estudo corrobora e averigua que os alunos do ensino fundamental II, ainda em fase de desenvolvimento leitor, têm maiores chances de recuperação nas práticas sociais da leitura.



**GRÁFICO 2.** Desempenho no teste Cloze dos alunos do 6º ano do ensino fundamental na disciplina de português

### CONCLUSÃO

Se o objetivo da educação básica é formar alunos leitores este estudo demonstrou um preocupante quadro no que se refere a compreensão dos textos utilizados na escola. É fundamental que o aluno ao deixar o ensino fundamental apresente competência em leitura. Os dados apontam que isto não está sendo efetivado pois, quando o aluno ingressa no ensino Fundamental II será maior a exigência na capacidade crítica e criativa na leitura. Se este ato leitor não é concretizado no ensino Fundamental I levará a diversos problemas associados à compreensão em leitura para o ensino Fundamental II e Médio. Dado à natureza do estudo concluí-se que, é emergente a situação leitora dos sujeitos pesquisados. Novas investigações deveriam ser realizadas para que se efetive práticas educativas que levem de fato à formação leitora destes aprendizes pois, a leitura é a habilidade mais importante que os estudantes adquirem no processo de aprendizagem formal. A compreensão leitora é um tema de grande importância dentro do contexto educacional. Tornando o aluno proficiente em leitura no Ensino Fundamental I e II aprimoramos e promoveremos aos alunos um bom desempenho acadêmico.

### REFERÊNCIAS

BORMUTH, J.R. **Cloze test readability: criterion reference scores.** Journal of Educational Measurement, 5, p.189-196, 1968.

BORTONI-RICARDO, S.M.; RIBEIRO, V.; MACHADO, S.F.C. **Formação do professor como agente letrador.** São Paulo: Contexto, 2010.

JOLY, M. C.R.A.; VECTORE, C. (orgs). **Questões de pesquisa e práticas em Psicologia Escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p.37-60.

PERROTTI, E. **Leitores, ledores e outros fins (apontamento sobre a formação ao leitor)** In: PRADO, J.; CONDINI,

P. (org.) A formação do leitor: pontos de vistas. Rio de Janeiro: Argus, pp. 31-40, 1999.  
TAYASSU, C. Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, Mercado das letras, 2011

Anexo:

## Texto de português para o teste

### O BEIJO

Se você observa bem \_\_ sapos, sabe que eles \_\_ beijeiros. Quando menos espera, \_\_ deles se joga na \_\_ direção e chuac, você \_\_ beijado de sapo.

Mas \_\_ história que você está \_\_ é a de um \_\_ que lia histórias. Assim \_\_ você. Passava tardes (noites \_\_ também, à luz de \_\_) em cima da planta \_\_ boia no brejo. Lia \_\_, mas seu gênero favorito \_\_ mesmo o das histórias \_\_ sapos.

Ele leu tanto, tanto, \_\_ – lia desde quando era \_\_ – que o brejo inteiro \_\_ a dizer que ele \_\_ enlouquecido. Diziam que ele \_\_ que era sapo, assim \_\_ os sapos do livro.

– \_\_ um sapo achar que \_ um sapo não tem \_\_ de tão louco assim, \_\_? perguntei

– Não, responderam os \_\_.

– Então?

Então de tanto \_\_ histórias de sapos, e \_\_ sabe que em boa \_\_ de sapo tem beijo, \_ sapo passou a beijar \_\_ o que encontrava pela \_\_. Zebra, vaca, tamanduá. Tanto \_\_ um dia o sapo \_\_ e disse: "Estou cheio \_\_ sapinho!".

O sapo leitor \_\_ ao médico. E o \_\_ deu uma baita de \_\_ bronca nele. Falou alto \_ apontou o dedo.

Está \_\_? Isso é o que \_\_ ler tanto.

– Mas o \_\_ não entende, doutor. Sou \_\_ cavaleiro sapo andante.

– E \_\_ sapinhos que você diz \_\_ estão na sua boca \_\_ o quê?

– Fruto das \_\_ andanças.

– Fruto da sua \_\_. Você não tem nada. \_\_ fechar esses livros, disse \_ médico assinando uma receita \_\_ "sombra e água fresca". \_ sapo voltou para a \_\_ que boia. Foi pensar. \_\_ estava louco. Só gostava \_\_ de beijar, procurando por \_\_ Dulcineia. E concluiu que \_\_ havia uma forma de \_\_ o final de sua \_\_ história: pegou um livro \_ leu até o fim. \_ o fim era um \_\_.

ZAPPI, Lucrécia. *Folha de S. Paulo*, 26 nov. 2005. Caderno Folhinha.